

33

“Sistema operacional” alternativo da 33ª Bienal de São Paulo ganha corpo com anúncio de doze projetos individuais

Convidado pela Fundação Bienal de São Paulo para desenvolver o projeto da 33ª edição, Gabriel Pérez-Barreiro seleciona os projetos individuais que irão compor a exposição ao lado de mostras coletivas organizadas por sete artistas-curadores. Modelo busca alternativa ao uso de temáticas na curadoria e privilegia o olhar dos artistas sobre seus próprios contextos criativos

Como indicado pelo título *Afinidades afetivas* – inspirado pelo romance *Afinidades eletivas* (1809), de Johann Wolfgang von Goethe, e pela tese “Da natureza afetiva da forma na obra de arte” (1949), de Mário Pedrosa –, a 33ª Bienal de São Paulo pretende valorizar a experiência individual do espectador na apreciação das obras em vez de um recorte curatorial que condiciona uma compreensão pré-estabelecida. O título não serve como direcionamento temático para a exposição, mas caracteriza a forma de conceber a mostra a partir de vínculos, afinidades artísticas e culturais entre os artistas envolvidos. Como no texto de Mário Pedrosa, há uma proposta de investigação das formas pelas quais a arte cria um ambiente de relação e comunicação, passando do artista para o objeto e para o observador. Presença, atenção e influência do meio são as premissas que norteiam a curadoria desta edição, numa reação a um mundo de verdades prontas, no qual a fragmentação da informação e a dificuldade de concentração levam à alienação e à passividade.

Com esse pano de fundo, a 33ª Bienal de São Paulo será composta pela soma de projetos individuais selecionados por Gabriel Pérez-Barreiro a sete mostras coletivas concebidas pelos artistas-curadores já anunciados: Alejandro Cesarco (Montevideu, Uruguai, 1975); Antonio Ballester Moreno (Madri, Espanha, 1977); Claudia Fontes (Buenos Aires, Argentina, 1964); Mamma Andersson (Luleå, Suécia, 1962); Sofia Borges (Ribeirão Preto, Brasil, 1984); Waltercio Caldas (Rio de Janeiro, Brasil, 1946) e Wura-Natasha Ogunji (St. Louis, EUA, 1970). Suas proposições curatoriais serão detalhadas em breve.

A seleção de Gabriel Pérez-Barreiro traz projetos comissionados de oito artistas (Alejandro Corujeira, Bruno Moreschi, Denise Milan, Luiza Crosman, Maria Laet, Nelson Felix, Tamar Guimarães, Vânia Mignone), uma série icônica de Siron Franco e homenagens a três artistas falecidos: o guatemalteco Aníbal López, o paraguaio Feliciano Centurión e a brasileira Lucia Nogueira.

Política, sexualidade e expoente feminino

Visto que Pérez-Barreiro propõe um modelo curatorial que evita aproximações temáticas, mais do que questões de linguagem ou conceituais, os três artistas homenageados têm em comum a atuação durante os anos 1990 e o fato de terem falecido precocemente. “Essa foi a primeira geração latino-americana a fazer uma arte livre da opressão dos regimes totalitários das décadas anteriores”, explica Pérez-Barreiro. São obras isentas da necessidade de trabalhar de maneira codificada ou oculta, passando a uma maior ênfase na expressão da subjetividade como ato político.

De acordo com Pérez-Barreiro, a homenagem a esses três artistas, com cerca de 30 a 40 obras de destaque dentro da trajetória de cada um deles, foi uma maneira de repensar os chamados núcleos históricos da Bienal de São Paulo, que marcaram a exposição até sua 26ª edição (2004) e que ele considera uma peculiaridade positiva em relação às outras exposições sazonais ao redor do mundo. “Eu queria artistas que fossem históricos, mas ao mesmo tempo não consagrados, ou seja, que esses núcleos não fossem apenas a reiteração de nomes que já conhecemos. Os artistas homenageados são pouco conhecidos na América Latina, mas são expoentes de sua geração, então trazê-los à Bienal é uma forma de resgatá-los do desaparecimento da história da arte e mostrá-los para as novas gerações”, diz Pérez-Barreiro. Para o curador, a realização dessas exposições também significa uma contribuição expressiva da Fundação Bienal na pesquisa, catalogação e recuperação dos acervos desses artistas.

Aníbal López (Cidade da Guatemala, Guatemala, 1964-2014), também conhecido por A-153167, o número de sua cédula de identidade, foi um dos precursores da performance em seu país. Sua obra, que inclui vídeo, performance, *live act* e intervenções urbanas, entre outras formas de expressão, tem forte caráter político e se volta para questões de disputas entre fronteiras nacionais, culturas indígenas, abusos militares e até do mercado de arte. Registros em vídeo e fotografias de ações efêmeras, realizadas como forma de protesto à objetificação e fetichização da arte, compõem a mostra.

O universo *queer* é abordado com delicadeza por **Feliciano Centurión** (San Ignacio, Paraguai, 1962 – Buenos Aires, Argentina, 1996), que deixou seu país natal, o Paraguai, para radicar-se na Argentina, onde se tornou expoente da chamada geração “Rojas” (primeiros artistas a expor na galeria do Centro Cultural Rector Ricardo Rojas, da Universidad de Buenos Aires) até ser vitimado por complicações decorrentes da AIDS, aos 34 anos. Centurión trabalhava primordialmente com tecidos e bordados, incorporando peças como lenços e crochês comprados em feirinhas portenhas. Descendente de uma família de bordadeiras, ele se apropria de práticas artesanais como linguagem artística para expressar elementos de sua história pessoal a partir de uma tradição familiar comum na cultura paraguaia.

Ainda pouco conhecida no Brasil, a goiana **Lucia Nogueira** (Goiânia, Brasil, 1950 – Londres, Reino Unido, 1998) é uma figura essencial para compreender a arte britânica do

33

período e desenvolveu uma carreira internacionalmente reconhecida. Suas esculturas e instalações, foco da individual incluída na 33ª Bienal, subvertem o utilitarismo de objetos com um humor sutil, tanto pela associação inusitada entre elementos quanto pelo jogo semântico constantemente presente em seus títulos, criando uma atmosfera de estranheza e poesia.

Projetos individuais

Projetos individuais de nove artistas, dos quais oito foram especialmente comissionados, completam a seleção de Pérez-Barreiro. O único a exhibir um trabalho histórico é **Siron Franco** (Goiás Velho, Brasil, 1950), com a série de pinturas *Césio/Rua 57*. Nela, Franco eterniza a impressão de horror e isolamento causada pelo acidente radioativo acontecido em 1987 no Bairro Popular, em Goiânia, com o elemento Césio 137. Nascido e criado naquele bairro, o artista retornou à sua cidade natal logo após o acidente, na contramão da população local, deixando definitivamente o eixo Rio-São Paulo. Seus registros da catástrofe ambiental marcaram uma guinada em sua carreira, antes de temática irônica, para uma alegoria da catástrofe através de elementos simbólicos.

O pigmento de algumas pinturas da série advém da terra de Goiânia, que muitos acreditavam estar contaminada pela substância radioativa. Roupas inseridas em algumas das telas relembram as quatro primeiras vítimas do acidente, dentre as quais uma criança. Em tempos de desastres ambientais como o rompimento em 2015 da barragem de Fundão, em Mariana, o debate levantado pela obra de Siron Franco permanece tristemente atual.

Os oito artistas com projetos comissionados têm em comum o desenvolvimento de trabalhos que não se encaixam numa estrutura temática. “São pesquisas complexas que funcionam individualmente e não precisam de um contexto adicional para que o espectador se relacione com os trabalhos”, explica Pérez-Barreiro.

O portenho **Alejandro Corujeira** (Buenos Aires, Argentina, 1961) possui uma concepção formal leve e fluida, que parece querer captar o movimento da natureza. Ele terá esculturas e pinturas apresentadas na mostra. **Denise Milan** (São Paulo, Brasil, 1954) cria esculturas e instalações com grandes pedras e cristais. Na 33ª Bienal, a artista exhibirá novos trabalhos nesses formatos.

O cotidiano serve de inspiração às obras de **Maria Laet** (Rio de Janeiro, Brasil, 1982), que exhibirá um novo vídeo na 33ª Bienal, e de **Vânia Mignone** (Campinas, Brasil, 1967), que trará pinturas inéditas. **Nelson Felix** (Rio de Janeiro, Brasil, 1954), que em seu “trabalho formal parece materializar uma consciência planetária”, nas palavras de Pérez-Barreiro, mostrará uma nova instalação escultórica.

As pesquisas de **Bruno Moreschi** (Maringá, Brasil, 1982) e **Luiza Crosman** (Rio de Janeiro, Brasil, 1987) se relacionam com a corrente da crítica institucional e fogem de

33

suportes artísticos tradicionais. “Com esses artistas teremos, dentro da exposição, um olhar crítico sobre como a arte funciona, é exibida e justificada”, afirma Pérez-Barreiro. Partindo de uma abordagem pessoal e poética, **Tamar Guimarães** (Viçosa, Brasil, 1967), que une uma abordagem crítica sobre as instituições a preocupações poéticas e narrativas, apresentará um novo vídeo.

Cartaz e publicação educativa

Junto com a divulgação dos nomes selecionados por Gabriel Pérez-Barreiro, a 33ª Bienal lança o cartaz desta edição, projetado por Raul Loureiro, que utilizou suas afinidades como motivos gráficos para a comunicação visual da mostra. O cartaz da exposição é constituído da reprodução da obra *Formas expressivas* (1932), de Hans (Jean) Arp, uma pintura com madeira em relevo, acompanhada por elementos tipográficos. A identidade visual adota a família tipográfica Helvetica, que prioriza a clareza e a neutralidade de significados, e enfatiza o número 33 como elemento de sua concepção.

A 33ª Bienal apresenta ainda sua publicação educativa, elaborada pela equipe da Fundação Bienal com consultoria de Lilian L’Abbate Kelian e Helena Freire Weffort. Sob o título *Convite à atenção*, a publicação parte de uma discussão acerca da atenção para propor atividades distintas, que podem ser realizadas individualmente ou em grupos. Procurando contrabalançar a dispersão causada pelo imenso volume de informação e imagens a que somos submetidos diariamente, foram criados exercícios que configuram um convite a estar atento à experiência com a arte. A peça, com colagens inéditas feitas pelo artista-curador Antonio Ballester Moreno propõe um conjunto de experiências cujo uso não está restrito à 33ª Bienal, mas a diversas obras e contextos.

Credenciamento para profissionais e imprensa

A partir de 20 de março tem início o período de credenciamento para profissionais e imprensa no portal da Fundação Bienal de São Paulo. O *preview* para imprensa acontece no dia 4 de setembro e, nos dias 5 e 6, a 33ª Bienal será aberta para profissionais do meio.

Preview para imprensa: 4 de setembro/2018

Preview para imprensa, profissionais e convidados: 5 e 6 de setembro/2018

Credenciamento de imprensa e imagens para download: bienal.org.br/press33

Credenciamento de profissionais: bienal.org.br/credenciamento

A Fundação por trás da 33ª Bienal

A proposta apresentada por Gabriel Pérez-Barreiro e selecionada pela Fundação Bienal para a 33ª edição da mostra encontra ressonância não apenas na vocação própria da

33

instituição mas também no desafio de se manter contemporânea em pleno século 21. Ao questionar modelos estabelecidos e repensar a própria forma de se fazer exposições de arte de grande escala, o projeto vai ao encontro da atividade cotidiana da Fundação Bienal, que consiste em olhar sempre para o novo sem perder de vista suas mais de seis décadas de história.

“Além de um conhecimento extensivo sobre arte latino-americana, Gabriel Pérez-Barreiro demonstrou desde o início um desejo de experimentar novos formatos e concentrar seus esforços na relação do público com a arte. Seu rigor alinhado à capacidade de experimentação são dignos do nosso entusiasmo”, diz João Carlos de Figueiredo Ferraz, presidente da instituição.

Em pleno processo de desenvolvimento da 33ª edição, a Fundação Bienal trabalha também na articulação com museus e instituições culturais a fim de ampliar a capilaridade de suas ações. Além disso, a Bienal é detentora de um arquivo com mais de um milhão de documentos cujo conteúdo o qualifica como um dos principais acervos sobre história da arte moderna e contemporânea da América Latina. Desde 2015, a Fundação Bienal vem fazendo investimentos sistemáticos no tratamento documental: identificação e remanejamento dos materiais por coleções, higienização, classificação e catalogação, pesquisa e revisão de dados e desenvolvimento de um banco de dados para gestão e difusão dos acervos.

33ª Bienal de São Paulo – *Afinidades afetivas*

de 7 de setembro a 9 de dezembro de 2018

Pavilhão Ciccillo Matarazzo, Parque Ibirapuera

www.bienal.org.br

Informações à imprensa

Conteúdo Comunicação

Tel.: 11. 5056-9800

Luciana Pareja luciana.pareja@conteudonet.com

11. 5056-9832 / 11.97200-4131

Mariana Ribeiro mariana.ribeiro@conteudonet.com

11.5056-9812 / 11.99328-1101

Roberta Montanari roberta.montanari@conteudonet.com

11. 5056-9809 / 11.99967-3292

33